

ANTONIO MADUREIRA

A música como missão

Por *Francisco Andrade*¹

Escrever sobre a trajetória de um dos maiores representantes de nossa música é tarefa honrosa, laboriosa e desafiadora. Ainda que seja breve, este texto foi escrito sob um ponto de vista de sua história e criação artística.

A ligação musical de Antônio Madureira vem do lado materno pela memória e pelo legado do bisavô Tonheca Dantas, compositor e Mestre de Banda que deixou centenas de obras musicais, as quais hoje estão sendo pesquisadas e organizadas.

Potiguar de Macau, Madureira iniciou o seu conhecimento formal em música no ano de 1967, quando o jovem aprendiz de 17 anos se mudou com a família para a cidade do Recife. Tendo sido aceito no exame para ingressar como estudante de violão na Escola de Belas Artes de Pernambuco, passou a se dedicar no ano seguinte às aulas de José Carrión, violonista, violoncelista, pianista e compositor.

Aluno dedicado e talentoso, Madureira se recorda de Carrión como o maior músico que já conheceu. Recebeu do mestre espanhol a dimensão do violão como instrumento de possibilidades artísticas e composicionais pela vertente das escolas de Emilio Pujol, Francisco Tárrega, amalgamado ao estudo dos *vihuelistas* da renascença – Milán, Narvaéz e Mudarra. A música de Villa-Lobos também se fez presente no repertório com os *Prelúdios, Estudos* e a *Suíte Popular Brasileira*.

Em 1969 tem a sua primeira atuação como compositor no Teatro Popular do Nordeste (TPN) com a peça, *A Barca d'ajuda*, escrita pelo teatrólogo Benjamim Santos.

Os anos 70 foram decisivos para consolidar a trajetória musical e artística do jovem Madureira. Atuando no início daquela década como compositor e violonista do TPN, sob a direção de Hermilho Borba Filho, conviveu em um efervescente ambiente artístico e intelectual com a presença de Teca Calazans, Geraldo Azevedo, a turma do Quinteto Violado e a presença marcante do sociólogo Sebastião Vila Nova, com quem estabeleceu um laço de amizade, passando a conhecer a obra de Mário de Andrade. O

1 . Prefácio da obra Antonio Madureira Composições para Violão Vol. 1

livro *Ensaio sobre a Música Brasileira* do mestre modernista se tornou referência na caminhada do incipiente compositor.

O encontro com o escritor paraibano Ariano Suassuna no início daquela década, quando o jovem músico é apresentado pelo amigo Fernando Torres Barbosa ao dramaturgo, professor de filosofia e mentor do Movimento Armorial, abriu caminho para estruturação do compositor Antônio Madureira na criação do *Quinteto Armorial*, importante e premiado grupo de música instrumental que produziu quatro elpês pela gravadora *Discos Marcus Pereira* no período de 1974 a 1980. O grupo teve o reconhecimento da crítica pela Associação Paulista de Críticos de Artes como melhor conjunto instrumental pelos discos *Do Romance ao Galope Nordestino* (1974) e *Aralume* (1976). Este último leva o título de uma das composições de Madureira que homenageou Suassuna pelo *Romance da Pedra do Reino*.

O Movimento Armorial foi a formulação mais elaborada da interpretação da tradição cultural nordestina na invenção de uma ideia de Brasil, ligando essa tradição às expressões da cultura popular – notadamente as de procedência sertaneja, como a literatura de cordel, a xilogravura e a música de viola, rabeca ou pífano. Do ponto de vista musicológico, a expressiva atuação de Madureira como compositor e pesquisador à frente do *Quinteto Armorial* refletiu a síntese do seu pensamento composicional pela utilização de recursos usuais à música clássica como contraponto, modificações de textura, cânones e imitações melódicas. Isto é, sob essa roupagem erudita, as vozes das ruas e dos recônditos do nordeste foram evocados nas composições através dos timbres e temas musicais presentes na discografia do grupo pela sonoridade da viola nordestina, do violão, do marimbau, do violino em alternância com a rabeca e da flauta transversal em alternância com o pífano. Desta discografia podemos destacar as composições *Revoada*, *Repente*, *Toré*, *Toada e Dobrado de Cavahada*, *Lancinante*, *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna*, *Guerreiro*, *Ponteado*, *Cantiga* e *Xincuan*.

Durante o período de 1975 a 1978, o jovem compositor, convidado por Suassuna para a criação da *Orquestra Romançal Brasileira*, estabeleceu a ligação do *Quinteto Armorial* no núcleo daquela orquestra, integrando o repertório do grupo em arranjos orquestrais sob a direção e regência de Madureira. É desse período a criação do concerto *Toque para Marimbau e Orquestra*, gravado e incluído no repertório do terceiro elpê do

Quinteto Armorial (1978).

Atuando no *Quinteto* como intérprete da *viola nordestina*, instrumento que passou a se dedicar a partir do encontro com Suassuna, destaca-se a composição *Improviso* presente no elepê *Aralume*, como peça solo, e no álbum *Sete Flechas* (1980) em arranjo para duas flautas, violino, violão e viola nordestina. A peça é organizada a partir da experiência cultural dos cantadores ou repentistas nordestinos tendo como núcleo a toada de *marteto agalopado* ligando-se também à *fantasia* sobre a harpa de Ludovico, de Mudarra, pela presença de notas pedais nos baixos e de semicolcheias nas vozes superiores traçadas por desenhos cromáticos. É a primeira composição instrumental para viola nordestina solo de que temos registro, exigindo do intérprete domínio e destreza na execução. Essa pequena preciosidade da música instrumental brasileira se tornou referência para muitos violeiros da década de 70 até os dias de hoje.

Como podemos verificar, aquela década foi de sedimentação para a trajetória artística de Madureira, conciliando estudo, pesquisa, criação e realização. Estudou contraponto e harmonia com o musicólogo Pe. Jayme Cavalcante Diniz, integrou o conselho municipal de cultura da cidade do Recife, foi um dos fundadores do *Bloco da Saudade*. Pela gravadora *Discos Marcus Pereira*, também dirigiu os discos *Instrumentos populares do Nordeste* e *Frevo de Bloco*, ao mesmo tempo em que conciliou numerosas viagens com o *Quinteto Armorial* para países latino americanos, para diversas cidades brasileiras, além de uma turnê pelos EUA.

Nos anos 80, o compositor volta-se para criação musical infantil e aproximação com os escritores *Ronaldo Brito* e *Assis Lima*, fase em que lançou pela gravadora Eldorado os elepês *Brincadeiras de Roda*, *Estória e Canção de Ninar*; *Brincando de Roda*; *O menino Poeta*; *Baile do Menino Deus* e *Bandeira de São João*.

Também é o período de síntese de sua obra para violão solo gravada em dois elepês independentes, de sonoridade cristalina e exuberante. Desta fase destacam-se as peças *Solidão*, *Valsa de Salão*, *Pirilampos*, *Batucada*, *Romançário*.

Unindo contemporaneidade e tradição, certa vez o compositor nos trouxe a seguinte compreensão – *O Frevo é uma das formas mais precisas de música que conheço. É uma música exata, minimalista, com pouco mais de 36 compassos, que passam toda uma ideia musical*. Dessa fase violonística, a composição *Frevo para Satie*

trouxe a síntese desta ideia, de um compositor que tem uma escuta pra sua aldeia e outra para o mundo. Ao mesmo tempo, sua obra de violão é um caleidoscópio que evoca *Villa-Lobos, Barrios e Leo Brouwer*.

Tão intensa quanto nas décadas anteriores, sua arte nos anos 90 é marcada por produções independentes, à margem da indústria cultural dos modismos de prateleiras. Na firmeza de quem soube depurar a arte através do tempo e caminhar em busca de êxito, dedicou-se à produção musical dos seguintes trabalhos – *Canções, Lua Cambará, Romançário, Arlequim, Brasília – o Romance da Nau Catarineta, Opereta do Recife, Quarteto Romançal, A Poesia Viva de Ariano Suassuna e Revisitação dos Santos Reis*. Esta última obra trata de uma Louvação Sinfônica em que o compositor homenageou os 400 anos da capital Potiguar em seis movimentos, quais sejam: *Loa do Potiguara, Canto do Mangue, Loa do Congolês, Procissão dos Navegantes, Loa do Mareante, Fortaleza dos Reis Magos*.

Certa vez, Ronaldo Correia de Brito, escreveu sobre o compositor:

A medida é a marca de um trabalho em que tudo é justo, não há os excessos derramados do romantismo, nem a prolixidade barroca... A modéstia fez dele um recluso, com um olhar para fora e outro voltado para dentro de si. Tocado pela ascese, sem fazer concessões ao consumo, suporta as dores de quem tenta se manter fiel a si próprio.

Se podemos definir a literatura como missão para a trajetória artística de Ariano Suassuna, no caso de Antônio José Madureira Ferreira, o “Zoca”, assim chamado pelos amigos de sua morada, podemos definir sua missão em uma única palavra – Música!